

O Esporte e o Espírito do Capitalismo

Sociologia Política da Instituição Esportiva^{*1}

Igor Martinache

“O importante é não participar”. Esta poderia ser a palavra de ordem dos proponentes da “teoria crítica do esporte” a que pertence o autor, doutor em sociologia e coeditor da revista *Illusio*, ponta de lança desta corrente. Porque ao contrário dos discursos encantados sobre as atividades físicas e esportivas, estes desenvolvem, ao contrário, uma análise destas últimas como sendo intrinsecamente alienantes e destruidoras da civilização. É esta última que Nicolas Oblin apresenta neste livro, que, não conseguindo realmente renovar a abordagem, oferece algumas novas ilustrações.

Objeto ora de desprezo, ora de fascínio, por parte dos intelectuais, o esporte é, em todo o caso, percebido como uma atividade acessória, à parte do resto da vida social e em particular da política¹. Nada poderia ser mais enganoso para Nicolas Oblin, tal como para os demais defensores da teoria crítica do esporte, que, ao contrário, colocam a instituição esportiva no cerne do sistema social, entendida como caracterizada pela centralidade da lógica da acumulação infinita do capital. Ainda assim, trata-se de chegar a um acordo sobre o que se designa por “esporte”, questão que a maioria dos autores que se aventuram nesse campo evitam cuidadosamente, segundo Oblin. Ele retoma, assim, a definição forjada por Jean-Marie Brohm – líder desta corrente –, segundo a qual “o esporte é [...] um sistema de competições físicas generalizadas, universais, aberto a todos, que se estende no espaço (todas as nações, todos os grupos sociais, todos os indivíduos podem participar) ou no tempo (comparação de recordes entre várias gerações sucessivas) e cujo objetivo é medir, comparar o desempenho do corpo humano concebido como uma

^{*1} Resenha do livro de Nicolas Oblin, *Sport et Capitalisme de l'esprit. Sociologie Politique de L'institution Sportive*. Paris: Éditions du Croquant, coleção “Altérations, 2009 (233 páginas). (NT).

Tradução: Nildo Viana.

¹ Ver em particular Jacques Defrance, *La politique de l'apolitisme*. Sur l'autonomisation du champ sportif, *Politix*, n° 50, vol. 13, 2000, p. 13-27.

potência constantemente perfectível”² (p. 34). O esporte não deve, portanto, ser confundido com os diversos jogos e atividades físicas, tendo o esporte como o conhecemos nascido na Inglaterra no século XIX e indissociável da modernidade ocidental³. A crítica do esporte é, portanto, radical, no sentido de olhar para as raízes desse fenômeno, sua suposta essência que se revelaria gradativamente à medida que o sistema capitalista se expande.

É precisamente esta última expansão que o autor se empenha em apresentar em primeiro lugar, afirmando, desde logo, a sua estreita afinidade com o esporte, na medida em que ambos são movidos pela mesma lógica da competição predatória. Além disso, a valorização desta última no esporte, na medida em que permitiria a concretização do ideal de igualdade de oportunidades⁴, traz uma garantia decisiva para sua existência em outras esferas da vida social⁵. O esporte é profundamente habitado pela violência, segundo explica o autor, não apenas contra os outros sob os quais deve triunfar, mas contra si mesmo. Para o ilustrar, Nicolas Oblin enumera parte da longa lista de vítimas sacrificadas no altar da competição, a que se acrescentam as múltiplas lesões e traumas que decorrem quase necessariamente da prática de uma atividade intensiva, sem esquecer o *doping*, que, longe de ser um desvio excepcional, enquadra-se na “carreira” normal de um atleta⁶.

Mas, mais profundamente, explica, na mesma linha das análises da Escola de Frankfurt, a lógica do esporte conduz a uma “reificação” dos indivíduos, reduzindo-os a uma só dimensão, a do desempenho, que permite a sua hierarquização. O corpo é assim “descorporado”, esvaziado de seu desejo, de sua cultura subjetivada e, por fim, de vida. Da mesma forma, a instituição esportiva carrega uma estetização do político, entendido como um “processo de velamento da realidade concreta por outra realidade que se faz passar pela primeira ao mesmo tempo em que a nega na abstração de representações

² Ver Jean-Marie Brohm, *Sociologie Politique du sport*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 1975, p. 89.

³ Ver, em particular, como Norbert Elias o integra na sua teoria do “processo civilizatório” e da internalização dos constrangimentos: Norbert Elias e Erich Dunning, *Sport et civilisation. La violence maîtrisée*. Paris: Fayard, 1994 (edição original: 1986).

⁴ Um mito repetidamente negado pela pesquisa empírica, mas que tem uma pele dura, como ilustram os discursos de líderes políticos e alguns sociólogos... Ver Michel Jamet, *Le sport contemporain. Entre l'égalité sociale et l'égalité des chances. Cahiers internationaux de sociologie*, 2002/2, n°113, pp.233-260.

⁵ Ver também a edificante forma romanesca com que George Perec ilustrou esta mesma ideia e lógica ao entrelaçar a descrição de uma sociedade insular imaginária onde a lógica da competição esportiva é levada ao extremo, e as memórias da sua própria família em ligação com a deportação de seus pais pelos nazistas, *W ou le Souvenir d'enfance*. Paris: Gallimard, 1993 (1ª edição: 1975).

⁶ Ver Christophe Brissoneau, Olivier Aubel e Fabien Ohl, *L'essai du dopage*, Paris, PUF, 2008.

errôneas” (p. 53), como ele ilustra usando o exemplo dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, os de Sydney em 2000 frente às populações aborígenes e, especialmente, os de Pequim em 2008, bem como a candidatura “fracassada” de Paris para organizar a Olimpíada de 2012. Em particular, ele lembra muito apropriadamente que, na China, o liberalismo econômico se adapta bem – e, de fato, até se alimenta – do autoritarismo político⁷, ou mesmo dos conluios edificantes entre líderes econômicos e políticos, ocasionalmente propaganda real representada pela campanha “Paris 2012”.

O sexto e último capítulo é certamente aquele que mais interessará aos leitores já experientes na teoria crítica do esporte – bem como aos preocupados com o futuro da universidade. Na medida em que Nicolas Oblin descreve aí a crescente irrupção do gerenciamento do esporte no âmbito das Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas (STAPS)^{*2} nas universidades através da produção e transmissão de conhecimentos parciais, em migalhas, intimamente ligados ao desenvolvimento da práxis social [da competição predatória]” (p. 177), expulsando qualquer função crítica e reflexiva sobre as finalidades e valores da atividade humana, sob a capa do imperativo da “profissionalização”. Nicolas Oblin revela assim as “imposturas silenciosas” desta pseudodisciplina ao analisar certos fragmentos do discurso emanado dos seus “empresários”⁸.

Os mitos que cercam o esporte são, portanto, muito poderosos. É, portanto, tão desconcertante quanto revelador ver a figura do Barão Pierre de Coubertin ainda levada ao ápice, quando o elitismo racista que o animava está bem documentado⁹ e o autor recorda um certo número deles: esporte como fator de educação, de integração, de saúde ou mesmo de aproximação. O lugar social e político atribuído ao esporte nas nossas sociedades não deixa de surpreender pelo tanto que é eminentemente paradoxal: ele, ao

⁷ O que está longe de constituir um caso isolado se pensarmos no Chile de Pinochet ou simplesmente na evolução das liberdades individuais nos Estados Unidos ou na Europa – ver, por exemplo, o dossier “*Royaume-Uni, les libertés malmenées*” no *Courrier International*, n°993, 12 de novembro de 2009, pp.16-18.

^{*2} *Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives* (Ciências e Técnicas da Actividade Física e Espórtiva), cuja sigla é STAPS, é uma disciplina universitária criada em 1974. Originalmente ela era voltada para a formação de professores de Educação Física e Esporte, mas logo depois foi se diversificando e ampliando sua oferta de formação universitária (NT).

⁸ Cujas “bíblia” seria a obra editada por Alain Loret, *Sport et management. De l'éthique à la pratique*. Paris, Dunod, 1993. Nicolas Oblin oferece, em particular, uma análise bastante edificante da contribuição de Gary Tribou para este trabalho, intitulado “*Ethique sportive et culture d'entreprise*”, pp.55-70.

⁹ Ver em particular Jean-Marie Brohm, *Pierre de Coubertin, le seigneur des anneaux. Aux fondements de l'olympisme*. Paris, Éditions Homnisphere, 2008, p. 35 e seguintes.

mesmo tempo, é relegado para segundo plano pela sua suposta trivialidade e adornado de muitas virtudes e cobrado, devido a isso, a resolver algumas tensões sociais particularmente espinhosas.

Mas pode-se questionar se, em última análise, a teoria crítica do esporte, como os discursos que o encantam, não confere fundamentalmente ao esporte um papel demasiado importante e, em particular, uma influência que ele não tem. Se tem o mérito de levantar a questão muitas vezes ocultada da própria definição de esporte e das formas de violência que ele pode efetivamente gerar para além da ponta do iceberg representado pelo *hooliganismo*^{*3}, a análise mais filosófica do que sociológica que Nicolas Oblin propõe, ela mesma pouco distinta daquela que Jean-Marie Brohm vem avançando há quase quarenta anos, carece, no entanto, de ancoragem empírica e sistematiza um conjunto de fenômenos díspares ao prestar pouca atenção ao significado que os atores envolvidos atribuem às suas práticas¹⁰. Com o risco de ocultar certas tensões que colocam grandes desafios políticos¹¹. Sem cair no discurso encantado e apaziguador que adorna o esporte com todas as suas virtudes, a observação dos acontecimentos esportivos incita, por exemplo, a detectar uma certa tensão entre competição e solidariedade¹².

A lógica do desempenho e da competição parece estar efetivamente se espalhando por todas as instâncias da vida social com a ideologia pós-modernista e com o “esquecimento” das desigualdades sociais, e ocorre uma gestão da individualização dos resultados nas empresas, da divulgação de rankings e premiações aplicadas a todo o tipo de objetos, e, mais intrinsecamente, da lógica da emulação por comparação sem outro fim senão fazer melhor do que o próximo, cuja moda abrange o *benchmarking*¹³ *4. Apesar

*3 Hooliganismo é uma expressão que se refere ao um comportamento destrutivo e violento no esporte, especialmente realizado por torcedores no caso do futebol e esportes universitários (NT).

¹⁰ Ver em particular a crítica (...) que Luc Boltanski dirige à sociologia crítica desenvolvida na esteira de Pierre Bourdieu em sua última obra, *De la critique*. Paris, Gallimard, 2009.

¹¹ A das desigualdades no acesso e utilização do tempo livre, a relação entre esporte e "integração", entre esporte e saúde, questões de equipamentos esportivos ou ainda, de forma mais geral, as ameaças ao serviço público do esporte: ver a este respeito a iniciativa "O Esporte é um Direito" lançada recentemente por várias organizações e atores individuais envolvidos neste campo, etc.

¹² Ver Pascal Duret, *Sociology of Competition*. Paris: Armand Colin, 2009, pp.105-109

¹³ Para uma aplicação à política europeia de pesquisa, ver Isabelle Bruno, *A vos marques, prêts... cherchez!* Bellecombe-en-Bauges, Éditions du Croquant, 2008.

*4 Benchmarking consiste no processo de busca das melhores práticas de gestão da entidade numa determinada indústria e que conduzem ao desempenho superior (NT).

disso, é um pouco precipitado, sem dúvida, atribuir a responsabilidade primária desse processo aos valores intrínsecos que o esporte supostamente transmite¹⁴.

As hipóteses assim apresentadas são estimulantes – e inquietantes, sobretudo para um esportista –, mas difíceis de operacionalizar. Ao fazê-lo, deixam de lado uma parte essencial da vida social, da mesma forma que os autores da Escola de Frankfurt¹⁵ não conseguiam perceber fenômenos tão importantes quanto a adesão malograda e a “atenção enviesada” na recepção das produções culturais massificadas pelas classes populares¹⁶, essas pequenas formas de resistência que contradiziam seu postulado do consentimento das massas. Porque esta é uma das grandes falhas das teorias da alienação, além da posição preponderante adotada por seus proponentes¹⁷: confundir consentimento prático com adesão¹⁸.

¹⁴ Pierre-Michel Menger observa, por exemplo, o quanto a flexibilidade e a desigualdade que caracterizam ao extremo a condição do trabalho artístico que parecem prefigurar a do trabalho assalariado em geral. Ver *Portrait de l'artiste en travailleur*. Paris: Seuil, 2006 – e isto ainda que os trabalhadores do esporte não fiquem de fora, nomeadamente pelo significado de uma ideologia da apatia, ver Sébastien Fleuriet e Manuel Schotté, *Sportifs en danger*. Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant, 2008.

¹⁵ Ver Theodor Adorno e Max Horkheimer, *La dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 2008 (1ª ed.: 1944).

¹⁶ Ver Richard Hoggart, *La culture du pauvre*, Paris: Minuit, 1970.

¹⁷ Como tal, seria certamente útil traçar a sociologia dos proponentes da crítica radical do esporte – como os de qualquer outra corrente – para melhor compreender a gênese das posições que defendem.

¹⁸ Para retomar a distinção feita por Sophie Béroud e Paul Bouffartigue sobre o tema da relação dos empregados precários com a organização do trabalho, ver “Introduction” em Sophie Béroud e Paul Bouffartigue (orgs.) *Quand le travail se précarise. Quelles résistances collectives ?* Paris: La Dispute, p.16.